

Romeu e Julieta

— Adeus! (disse uma voz ao meu ouvido...)
Tudo acabou para nós dois agora!
— Adeus, adeus, minha celeste aurora!
(Soluçaram meus labios n'um gemido...)

— Sofri sem treguas por te haver seguido
O' noivo meu! nas illusões de outr'ora...
Têm piedade do mal que me devora!
Mata-me à luz do teu olhar querido!

Ah! palavras da morte! atroz saudade
D'aquella que atravessa a eternidade
Levando por mortalha o meu confort!...

Dai vida ao luto das miserlas minhas!
Vinde ao meu coração como andorinhas!
Batei as azas n'este ninho morto!

Rio de Janeiro 1900.

LUIZ GUIMARÃES (FILHO).

As nossas Gravuras

Curiosidade

(QUADRO DE JULIUS ADAM)

Julius Adam, o bem conhecido «Raphael dos Satsos de Muenchen, conhece como nenhum outro pintor de animaes a vida e os movimentos dos gatos. Pode-se com o Sardo ou Zola ser um amigo *curagé* de gatos ou não, mas o que é certo é que em toda a collecção de animaes não ha um só que seja mais gracioso do que este animal ao qual mui injustamente classificarei como falso.

Os gatinhos então, cujos saltos e brinquedos soem fazer sorrir os homens mais serios, pertencem aos modelos mais gratos que um artista pode desejar.

Julius Adam, cujo album «dos Satinhos» merece as honras de ser um ornato das mezas dos salões e um mestre na sua inesgotavel variedade do seo thema predilecto.

Ora elle nos mostra uma familia de gatos bebendo leite em uma vasilha, ora dois gatinhos rolando no chão brincando, outras vezes um destes animaes aquecendo o seo bello pello ao sol ou ainda uma Angora com as orelhas em pé observando attentamente pela primeira vez na sua vida uma linda borboleta que esvoaça nas suas proximidades.

Em todos es seos trabalhos o artista nos apparece como bom humorista e agudo observador, cujo pincel em primeiro lugar se conserva fiel na reprodução da natureza. O nosso quadro é um valioso e artistico «Adam» e si aqui elle não tem as bellezas do colorido, não obstante elle prende a attenção do observador pela sua frescura e a sua disposição.

Casa de Banhos em Lido

(QUADRO DE E. ROSENSTAND)

Nos mezes do estio na Italia a grande maioria dos ricos se dirigem h je em dia para os estabelecimentos balneares e mui especialmente para Lido e Livorno porque em toda a Europa não ha um mar tão bello

Pastilhas e Xarope de Nafé

DELANGRENIER

excellentes peitoraes contra

„TOSSE, „DEFLUXO, „BRONCHITE

As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O Xarope de Nafé, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a segurança ás CRIANÇAS e muito particularmente contra a COQUELUCHE.

Esqija a marca verdadeira: Delangrenier-Paris

São encontrados em todas as Pharmacias

XAROPE DELABARRE (DENTIÇÃO)

Xarope sem narcotico *recomendado* ha ja 20 annos pelas medicos. Facilita a sahida dos dentes, evita ou faz cessar os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Esqija-se o Carimbo official e a assignatura Delabarre.

FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Pariz e em todas as pharmacias

PAPEL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS de Bin BARRAL

Recomendados pelas summidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da ASTHMA, das OPPRESSÕES, das ENXAQUECAS, etc. 16 ANNOS DE SUCESSOS.

FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Pariz e em todas as pharmacias.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O VESICATORIO DE ALBESPEYRES

o MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO de TODOS OS VESICATORIOS. Esqija a Assignatura ALBESPEYRES no LADO VERDE. FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, Faub. St-Denis, PARIS e em todas as PHARMACIAS

NINON DE LENCLOS

escarceia da ruga, que jamais ouso macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos conservava-se joren e bella, airando sempre os pedacos da sua certidão de baptismo que rasgava á carada Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obrigando a dizer o velho rubugento, como a raposa de Lafontaine dizia das nvas. Este segredo, que en celebre e egoista faceira jamais confiara a quem quer que fosse das pessoas daquelle epoch, descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire anecdotique des gaudes*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da PARFUMERIE NINON, MAISON LECONTE, Rue du 4-Septembre, 35, Paris. Esta casa tem-na á disposição das nossas elegantes, sob o nome de VERITABLE EAU DE NINON, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros.

Entre os productos conhecidos e apreciados da PARFUMERIE NINON contam-se:

LA POUDRE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e brune as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUDRE MANDDERMALE DE NINON para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem esqija e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as embaixões e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de principe, por meio da Pâte des Prélats, que embranquece, alisa, suaviza a epiderme, impede e destrõe as frieiras e os rachos.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua brancura primitiva e sua côrce lissa por meio do Anti-Bolbos, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES

Para ser bella, encantar todos os olhos deve-se servir da Fleur de Pêche pó do arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e corrallos empregando-se o *Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella*, que tambem impede que caíam e que ficam brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes castigados, machucados e branqueados com o *Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella*.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

SUAVIDADE — FRAGRANCIA — DELICADEZA
NOVO PERFUME

LE REFLE Incarnat

CAUTELA COM AS IMITACÇÕES

IT. Piver

PARIS



PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Resumem todas as Propriedades do IODO e do FERRO.

40

Rua Bonaparte PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a Anemia, Chlorose e todos os casos em que se trata de combater a Pobreza do Sangue.

como o Mediterraneo, com as suas costas pittorescas.

O Lido entre todos os estabelecimentos desta ordem na Italia é o que decerto *esta na ponta* não só pela sua posição como tambem por estar perto de Venezia, esta perola do Adria. Ir a Lido equivale a dizer fazer uma visita a Venezia. Pode-se residir na velha cidade dos Doges e tomar banho em Lido, pois entre Venezia e Lido ha fazer apenas alguns minutos de viagem em estrada de ferro.

Nas noites de luar todos correm para os canaes afim de passearem de gondola e os gondoleiros são mudos como os peixes e por alguns cobres elles nada vêem e nada ouvem.

Da collecção - Vergel

Sigam s este rumo . . . Ali, na gruta,
Entre raizes e lostões de inhamo,
Das boiz letas ao festivo euxame,
Um fio de agua, christelino, brota.
E emquanto, perto, o Parahyba brame,
Indamavel na intrepida derrota,
Ollia esta varzea, . . . aquelle azul, . . . e nota
D'esta florzinha o pequenino estame.
E já que a Natureza canta em festa,
Desde o arbutto florido a estrella d'alva,
Desde o luar a grimpá da floresta,
Interpretemos o rugir do vento,
A voz das aguas, a montanha calva,
E a poesia immortal do firmamento.

«Das visionarias.»

JANUAS LORETT.

Mosaico

Um estroina, que procura em um casamento rico o meio de libertar-se dos credores, faz a corte á filha de um negociante millionario.

— Ah! diz elle á moça, tomando-lhe a mão; como esta mãozinha poderia fazer tantas pessoas felizes!

— Tantas? perguntou ella admirada: suppunha ser uma só.

— Ora essa, e os meus credores?!

✻

Os defeitos dos grandes são como sua sombra: parecem diminuir ou crescer conforme o sol de sua fortuna sobe ou desce — *l'alloué*.

✻

Exame de litteria:

— Que sabe o senhor a respeito de Bruto?



CURIOSIDADE

Um sonho

Sonhei . . . vi realisada a nossa esperanza!
Na luz immerso o templo era brilhante.
Entramos; de prazer as radiante
E eu tímido e medroso qual criança! . . .

Paramos n'um altar, um padre avança
Para nós e detem-se a um passo adiante,
Unindo a minha mão felicitante
A' tua dextra faz nossa alliança.

A Deus alou-se então contracta prece
Para que nosso eulace bendiscesse,
E voltamos, áltivos e arrastados! . . .

Como um casal de pombos arrullantes,
Vimos n'um *couff* um do outro ao lado,
E terminou-se assim nosso noivado!

Rio 20-1-00.

WALTER PEREIRA.

Não ha necessidade de mostrar as vantagens deste ou daquelle estabelecimento balnear, na Italia e no Mar do Norte, de ver qual das agoas contem mais sal ou qual a mais batida. Isto pouco importa aos banhistas. Um escriptor francez diz — *car les bains de mer ne sont qu'un frêreux; ils sont le rendez-vous des malades qui se portent bien*. E' bem verdade. Os doentes não vão tomar banhos e quando teem ordem de lá ir é porque já estão em convalescencia.

Ahi vão então, afim de se fortalecerem, afim de que os bons ares do mar, o *rien faire*, os banhos, as occupações, os entretenimentos e o afastamento das occupações diarias lhes restitua toda a força.

Estes convalescentes formam a maioria dos banhistas, a grande maioria é formada pelos sadios, pelos que procuram diversões e os que constituem o high-life endinheirado e para se verificar isto basta dar-se um passeio até qualquer estabelecimento desta especie.

— Que foi o homem mais barbaro de sua época, porque mandou matar os proprios filhos.

— E que diz a mythologia de Prometheu?

— Era um homem que pr mettia; porém o abutre que lhe arrancou as entranhas não lhe deixou cumprir as promessas.

— Perfeitamente! E que me pode dizer relativamente a Fernando Peres de Oliveira?

— Foi um escriptor que, apezar do nome, deu pouco azelle.

— E de Nuno Alvares Pereira diz alguma coisa a historia?

— Que apreciava muito as peras.

— E que foi que se passou de celebre na villa de Agua Quente?

— A população revoltou-se por só gostar de banhos frios.

— Uma ultima pergunta: sabe alguma coisa de notavel sobre o juriseultto Sala?

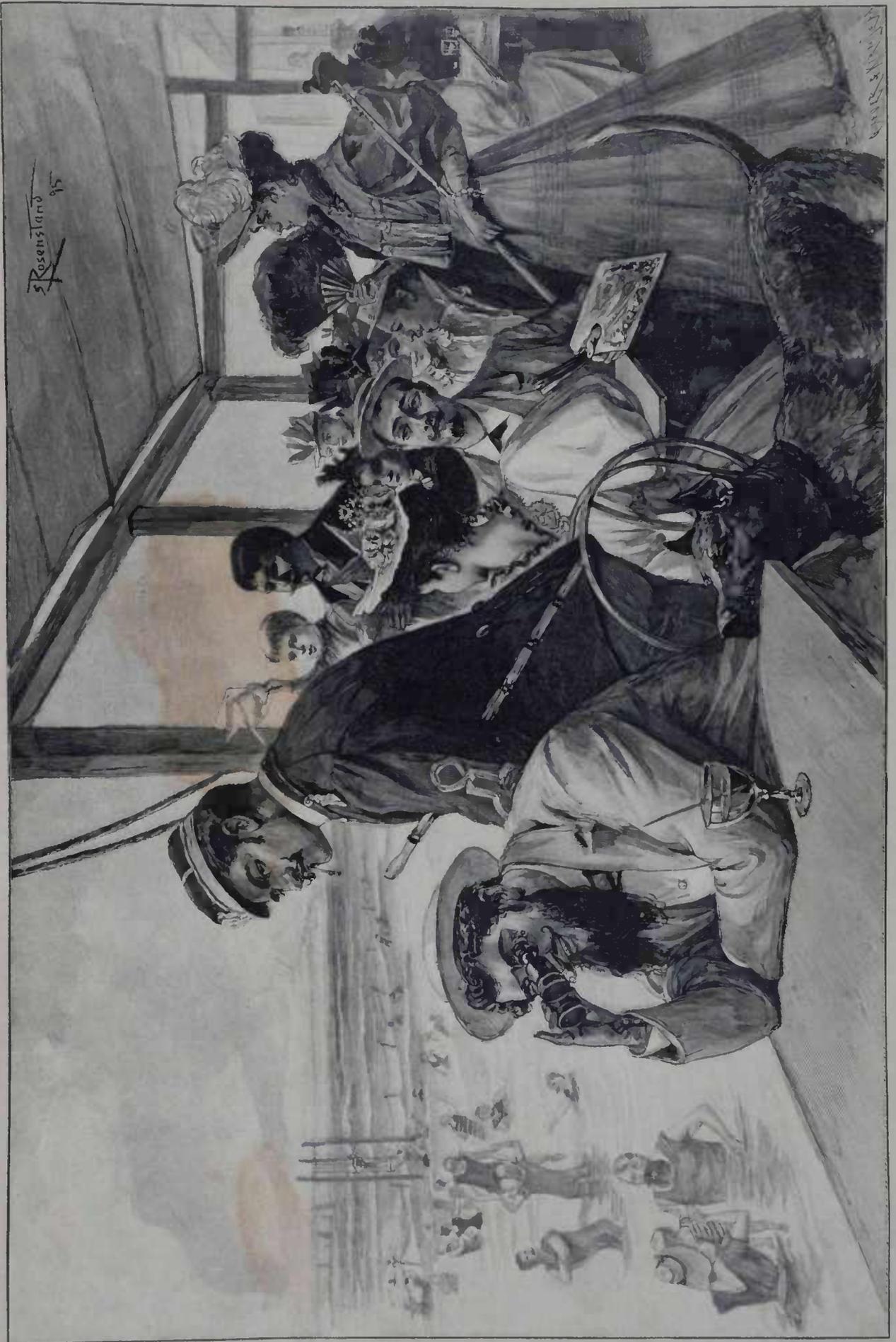
— Sei que morreu na alcova.

Depois de uma gloriosa ovação de gargalhadas, o estudante foi unanimente . . . reprovado.

✻

Entre dois individuos:

— Oh! o senhor por aqui?!



CASA DE BANHOS EM LIDO

— É verdade...
 Como está sua exma. esposa?
 — Bem, obrigado.
 — E seu filhinho mais novo?
 — Também sem novidade.
 — E seu filhinho mais velho?
 — Está de saude.
 — É a pequerrucha?
 — Está boa.
 — E o seu sobrinho?
 — Também.
 — E a sua sobrinha?
 — Também.
 — E o senhor?
 — Eu? Eu não estou disposto aatural o.



Em casa de um barbeiro:
 — Este cachorro é seu? inquire o Gaspar.
 — Sim senhor, diz o barbeiro.
 Elle parece gostar muito de ver cortar o cabelo.
 — Não é isso, senhor. mas é que eu, ás vezes, me engano, e tiro um pedaço da orelha do freguez...



Dois philosophos discutem o assumpto — casamento.
 — Deploravel instituição! diz um.
 — Concordo.
 — Com o andar dos tempos o amor desaparece... e a mulher fica.



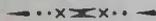
— O senhor colloca esta chapasinha na boca e pôde assim imitar qualquer voz.
 — E si eu engolir a!
 — Não ha perigo. Esta mesma eu já engoli uma porção de vezes.



Depois da primeira noite de nupcias levanta-se o marido, ao raiar da aurora, accende o lume e faz o café, de que serve uma chavena á esposa, que continúa deitada.
 — Como sou feliz! exclama esta.
 — Reparaste bem no que fiz?
 — Reparei.
 — Pois hem; isto não é mais do que um exempl para que saibas o que tens a fazer commigo todas as manhãs...



Da duvida o denso véo
 Te não empane o sorriso:
 São teus olhos o meu céu,
 Teus labios meu paraíso.



BLUSA A' MARINHEIRA

Essa blusa, Sinhá, á marinheira
 Realça tanto o teu primor e encanto,
 Que fez de mim teu servo e a tia, faceira,
 Sugerindo-me o amor, que agora canto.
 Não buejas mal á tua companheira...
 E o riso á bocca, afugentando o pranto,
 Eu quero ver-te, como a flor do acancho,
 Perfumada, vivaz e prazenteira

Em mais ninguém tu creias, que eu sómente,
 O meu ideal, oh flor que não se find.
 Sei bem o quanto te amo ardentemente!...

Veste a boje, agora sempre, oh minha musa!
 Que, se és tão pulchra e bella, mais ainda
 És bella e pulchra, e m tão linda blusa.

Perpetua 5 de novembro de 1899.

L. LEU.

CHRONIQUETA

Rio, 18 de Setembro de 1900

Depois da minha ultima chroniqueta, houve o diabo nesta muito ex heroica e leal Sebastianopolis: a grande casa da rua da Alfandega, esquina da rua da Candelaria, que ha alguns annos deixara de ser o Banco do Brasil, e ha alguns mezes se divorciara completamente da tutela governamental, — suspendeu pagamentos!...

A extraordinaria sensação que o facto produziu, o profundo abalo que causou a outros estabelecimentos de credito, as discussões a que deu logar o emplastro applicado no enfermo com uma emissão de apolices do Estado, os artigos da imprensa, etc., — tudo isso já tem sido tão longamente contado, de tudo já se tem fado tanto, que seria de máo gosto repetil-o neste periodico de senhoras.

O Banco da Republica do Brasil — que uns se obstinam em chamar Banco do Brasil e outros Banco da Republica — ha muito tempo estava arrebatado, se é certo o que dizem individuos que me parecem de certa autoridade no assumpto; recebem, porém, o tiro de honra com aquella subida inesperada e vertiginosa do cambio, que no mez transacto passou em cinco ou seis dias de 9 a 14, com grande alegria do cativa, que nisso via um signal de renascimento da fortuna...

Muita gente, que tinha papel no Banco, tratou de retirar o n'aquelle occasião, para convertel-o em ouro, materia mais solida, e o resultado foi o que se viu, ou antes, o que se está vendo.

Alem desta e de outras causas naturaes e legittimas, que concorreram para o desastre, parece que as directores do Banco nem sempre foram escrupulosos no tocante a emprestinos, e confiavam com muita facilidade aos amigos o dinheiro... dos outros.
 Se é certo o que a esse respeito por ahí se conta, direi apenas como o rei B-beche no *Barba Azul*:
 — Ao menos me convidassem!

Por outro lado, os accionistas do Banco são também culpados do que se passa, e, em parte, não têm que se queixar senão da sua incuria. A' ultima assemblea geral (antes do desastre) compareceram apenas vinte accionistas. — e nessa assemblea geral, ou antes, nessa reunião de bons camaradas, votou-se um fabuloso augmento de vencimentos da directoria!

Nós somos infelizmente uma geração de preguiçosos; deixamos os nossos mais caros interesses á revelia; esperamos que nos venham trazer a comida á bocca. Esta e outras desgraças nos ensinaram a viver com ordem e a zelar o que é nosso e da nossa prole. Nenhum povo foi feliz sem passar primeiro pelo cadinho de todas as amarguras



Eu não queia falar de assumpos financeiros, mas vão lá fugir aos arrastamentos da penna!
 Por causa da crise bancaria iam sendo as leituras privadas do theatro lyrico... O empresario Sanzone viu-se em palpos de aranha, mas tudo se remediou.



Ha dias, entrando na casa Lombaerts, vi que o meu amigo Lavignasse teve a boa idea de pôr ao balcão uma senhora, incumbida especialmente de se entender com as formosas freguezas da *Estação*.

Sendo a loja ordinariamente frequentada por inumeras damas que vão assignar ou comprar um numero deste periodico, e de outros jornaes de modas, eu adquirir um exemplar dos *Trabalhos de agulha*, etc., é conveniente, na realidade, que encontrem uma senhora-habitada a dar-lhes quaesquer informações que desejarem sobre tal ou qual figurino.

E o caso é que depois que ali se achava aquella gentil empregada, a freguezia do bello sexo tem augmentado consideravelmente.

Parabens ao amigo Lavignasse.

ELOY, O HERÓE.



Só de tua lembrança eu vivo, amiga!
 Ella é que me amenisa, hora por hora,
 Os dias em que a magna me devora
 E sinto o espinho de uma dor antiga.

Por isso, aqui — surdo ao que vai lá fora
 Na multidão tão perfida e fainiga,
 Escrever-te me apraz e — dá que o diga,
 Doces instantes recordar agora.

Vejo-te á luz da sala... oh! si um momento
 A sos ali ficassemos, diria
 Tudo quanto me vai no pensamento!
 Nada-te o olhar n'um fluido e suavidade...
 Vejo-te... Ai! de minh'alma que morria,
 Si a pudesse matar uma saudade!

ALBERTO DE OLIVEIRA.

THEATROS

Rio, 26 de Setembro de 1900.

Teria continuado a serie dos successos da companhia Sanzone se não fóra uma desastrada *Cavallaria rusticana*.

A *Tosca*, de Puccini, se não foi um successo como opera, foi, pelo menos, um successo de representação; mas raras vezes o publico tem-se enfastiado tanto. A musica é muito bonita e muito bem feita, mas luta com o *libretto*, que nada tem de musical.

A companhia esteve para interromper os seus espectaculos, porque alguns artistas exigiam pagamento adiantado e não havia dinheiro para taes adiantamentos; mas intervieram alguns amigos da empresa, que conseguiram accommodar os animos: hoje canta-se o *Lohengrin*, que devia ter sido cantado ha quatro dias.

Attribuem-se os desastres da companhia á crise dos bancs. Não creiam tal; se não houvesse crise, seria a mesma coisa. O motivo do desastre é a Inobsvervancia daquelle sabio rirão: Quem não pôde com o tempo não inventa modas.



No theatro Sant'Anna trabalhou até ante-hontem uma companhia de zarzuela, a cujos espectaculos não assistim-s.

Parah ntem estava annunciado *El rey que robó*, mas não houve espectaculo porque os artistas declararam que sem dinheiro não trabalhavam. Pelos modos não havia dinheiro, nem isso é coisa que nesta época se encontre do pe para a mão.



A empresaista sra. Concepcion Aranas, declara nos jornaes que se transfere para o theatro Lucinda, mas... com quem?



No Apollo tivemos uma *refrize* pouco interessante da *Mulher do castanho*; continuá em scena a revista *Ah... a' p'ra*, a que de vez em quando addicionam um quadro novo.



No Recreio proseguem os ensaios da *Imagem de Suzette*.

N. Y. Z.

Anniversarios

No dia 17 festejou o seu 7º anniversario o sympathico e interessante jornal da tarde «A Noticia», que sempre tão gentil e attenciosa tem sido para com nossa folha; temos sincera satisfação em continuar a ver o augmento de sua circulação.

Tambem no dia 13 contou mais um anno de aprovada existencia o nosso distincto amigo e assiduo collaborador, Alfredo Azamor, á quem felicitamos desejando-lhe longa e risonha existencia, cabendo nos mais ninn vez agradecer-lhe a sua valiosa cooperação para o engrandecimento da «A Estação».

ULTIMAS NOVIDADES MUSICAES

Grande estabelecimento de pianos e musicas

DE

Fertim de Vasconcellos, Moran & C.

147, Rua do Ouvidor, 147

Folkas

Brincando, por H. Dias... 140 0
 Vai sahindo, por A. Keller... 150 0

Tangos

Só de mão, por E. Telles... 150 0
 Ferruge, por E. Telles... 150 0
 Tango do pianista, por Costa Junior... 160 0

Valsas

Tristeza d'alma, por Marus... 150 0
 Dolente, por Carl s. Marques... 150 0
 Tragabalas com letra, por Costa Junior... 150 0
 Amor que mata, por J. G. Christo... 150 0
 Despretenciosa, por J. G. Christo... 150 0
 Elegante, por A. Cavalcanti... 150 0
 Juracy, por A. Nunes... 150 0
 Licéa, por Evora Filho... 150 0
 Mens oito annos, por O. Carneiro... 150 0
 O teu olhar me seduz, por Evora Filho... 150 0

Schottisch

Alzira, por Campos Juni... 150 0
 Guanabara, por L. Madeira... 150 0
 Grinalda de nuiva, por Evora Filho... 150 0
 Pinheiro Amor, por E. Telles... 150 0

Quadrilhas

Rorb letas, por E. Couto... 150 0
 Recordações da infancia por J. M. Lacerda... 150 0

Remetem-se encommeidas para o interior juntamente com o **brinde** mensal que a casa offerece.

147, RUA DO OUVIDOR, 147

PROPHECIA

Si o rei dos deuses, o patente Jove, precisasse de louças algum dia, oh! com toda a certeza as compraria na rua Larga, cento e vinte nove.

MARIA JULIA.



CRÈME SIMON
 PARA
 conso var ou dar
 ao rosto
**FRESCURA
 MACIEZA
 MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS** de Arroz **SIMON** e o **SABONETE** Crème Simon, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 36, Rue du Provence, PARIS
 PHARMACIAS, PERFUMERIAS
 e lojas de Cabelleiros.
 Desconfiar das Imitações.

A TERRA SANTA

Essa é a minha Patria minha amada.

CANÇÕES.

Alto mar. Sob o céu azul tinto e nevoento,
sobre o revoltado mar de coleras extranhas,
a frota de Cabral veleja. Ruge o vento,
Erguem-se vagalhões — altos como montanhas.
Mar e céu... Céu e mar — e em ambos um só grito!
Dia — fulgura o sol; noite — fulge o luar,
e o infinito por tudo, e por tudo o infinito:
— o infinito do céu, e o infinito do mar!

Longe, atrás, para além do horizonte, abysmou-se
o formoso terrão da patria estremeçada,
e, com elle, a distancia, em brumas afundou-se
a doçura do lar — que é a doçura da vida...

Longe, além, para traz das ondas assanhadas,
tudo, tudo ficou: Família e e raça,
os rebanhos pasceudo, as vinhas caregadas,
os maduros tugaes, o conforto e a oração...

Longe, na terra amada, onde o linho floresce,
e ha rosa nos rosaeas, e ha vinho nos lugares,
tudo, tudo ficou, e allem desaparece
no horizonte seu fim, na vastidão dos mares...

Tudo, tudo ficou em mundos afastados;
a lareira que os viu gozar e os viu soffrer,
o tumulo que encerra os seus antepassados,
e o berço virginal que um dia os viu nascer...

Tudo perdeu-se além nas nuvens e nas brumas...
Ha no mar e no vento um rugido de magoas,
e sob um céu de fogo e sobre um mar de espumas,
a frota de Cabral rasga o seio das aguas!

Veleja a todo o panno, e erguendo a alliva fronte,
de pé, no tombadillo — estatua do desdem,
o forte capitão mergulha no horizonte
o demorado olhar para além... para além...

E o seu olhar se perde entre nuvens sombrias,
e elle, sentindo perto, a maruja tristonha,
para o Deus de bondade estremeçando as mãos trias
fita o curvo horizonte e espera em Deus e sonha:

E sonha nessa Terra encantada e distante,
nessa Terra de luz fantastica, ideal,
que encerra rios de ouro e grutas de diamantes,
montanhas de esmeralda e lagos de crystal!

Nessa Terra risonha onde tudo é risonho:
Terra virgem que occulta as riquezas mais raras,
Patria divina da Chimera e do Sonho,
das florestas sem fim, das ridentes searas!

Nessa Terra onde tudo é bello e magestoso:
o verme que rasteja, o jaguar e o condor,
o tranquillo regato e o rio caudaloso,
a palmeira frondosa, o roble adusto e a flor!

Nessa Terra de lenda onde ha lyrios de prata,
e ha papoulas de sangue e ha tulipas divinas,
Terra da tribu nua e quedas de cascata,
dos lagos de saphira e das verdes colinas!

E tão longe... e tão longe... e talvez nem exista...
e talvez seja um sonho, uma allucinação
essa Terra longinqua, apenas entrevista
entre nevoas, perdida em remota região!...

E as caravellas vão, à flor das aguas, leves,
sulcando o mar revoltado, as velas enfundadas,
e passam sobre o mar dias e noites breves,
— dias cheios de sol, noites enluaradas

E a maruja tristonha invade a nostalgia
da Família, da Patria e da sandade do Lar...
Fulge o luar — e a noite; a sorna do sol — é dia,
e sempre o mar e o céu, e sempre o céu e o mar!

Subit, além, além no horizonte, nua escua
mancha tromepe da espuma, e o denso ven descerra
de nevoa que a sequilla, e entre nevoas lulsura...
— Terra! gitta a maruja alegre! — Terra! Terra!

— Terra! — e este grito vae de galera em galera,
ateando em cada olhar um rutilo arrebol,
e vae de bocca em bocca, e vae de esphera a esphera,
das coleras do mar a os fulgores do sol!

— Terra! — e agora o perfil dos montes se desliza,
e das montanhas surge o sereno conforto,
e surgem, de entre a espuma, ilhas e de neve,
aves de toda a cor, saem das nuas em torio!

— Terra! — e tudo fulgura, e tudo exulta, e canta!...
Joelhos no convez a maruja ergue as mãos
para os tranquillos ceus, e a voz aos ceus levanta
e rende graça ao Deus piedoso dos Christãos!

Por que não fora um sonho a Terra Desejada,
não fora uma visão esquiva e vaporosa:
Eil-a! — virgem para mais bella que a alvorada,
eil-a! — a Terra da Luz, mais do que a luz formosa!

Eil-a, cheia de rios, de florestas brilhantes,
de grutas de marfim, de aves de toda a cor,
de veios de ouro puro, e de marmore e diamantes!...
Eil-a a Patria do Sonho! Eil-a a Patria do Amor!

Eil-a que se ergue agora, e entre a nevoa desfeita,
a pouco e pouco surge e inteira se desvenda,
vaporosa e subtil, disaphanica e perfeita,
como uma apparição fantastica de lenda!...

Paraiso Terreal, eil-a, formosa Omphale,
com pulverisações prismaticas de luz,
e onde de sol a sol, erra de valle em valle,
de montanha em montanha a horda dos indios nus,

Terra de Santa Cruz, assim surge: aos ares
os braços levantaste e o alvo manto de brumas,
e, risonha, surgiste assim a flor dos mares
como a Venus para do seio das espumas!

Salve Terra Christa! Salve Terra Querida!
Rezaço maternal, berço de todos nós!
Salve, Terra do Sol! vila que nos dá a vida,
e por quem temos alma e por quem temos voz!

Mãe, que um dia não ha que não nos apparece,
suprema encarnação da suprema belleza,
e que um dia não ha que o seu olhar não desça
sobre nós, como um véu de doçura e pureza!

Tudo que é nosso é seu, e tudo que queremos
é vel-a sempre grande, entre sóes a fugir,
e nos basta saber que a amamos e que temos
lábios para a cantar, braços para a servir!

Salve, Patria Formosa! Aqui alliva e impellua
eterna viverás no marmore e na historia,
que cada filho teu é um gigante na lucta
pelo teu esplendor e pela tua gloria?

ZERENO BRAZIL.

O somno d'um anjo

Quando ella dorme com a dorme a estrella
Nos vapores da timida alvorada,
E a sua doce fronte estendida
Mais perfeita que um lyrio e tão singela.

Tão serena, tão lucida tão bella
Como dos anjos a cabeça allada,
Repousa na cambairia perfumada,
Em vel o absorto o casto somno d'ella.

E rogo a Deus enquanto a estrella brilha,
Deus que protege a planta e a flor obscurea
E nos indica da futura a trilha.

Deus por quem toda a criação se humilha,
Que tenha pena d'essa creatura,
D'esse botão de flor — que é minha filha.

LEIZ GUIMARÃES.

PROCESSO DE CASAR

Ha tempos a esta parte apparecem nos jornaes,
especialmente no *Diario* e *Novas*, annuncios estere-
ceudo maridos pechinchas a quem d'elles precisar.

Não são ainda tão raras estas annunciadas
como os de cidades de servir e umas de leite, mas ja
não são tão raras, que o mesmo numero d'aquelle
jornal, o de sabbado, não publicasse duas, a que me
vou referir.

Um d'ellas, que sahio na 3.ª pagina, tinha a epi-
graphie *Casaria*, palavra finta, de boa sociedade,
certamente esse lida de propozito pila não destina
da superior qualidade de d'ellas em unido.

...ante,
activo, saudavel, honesto, educado, de fin trato,
sem familia, possivel a uma fortuna, deseja con-
trahir casamento com senhora respeitavel, de senti-
mentos moraes exemplares e que possua fortuna.

O outro, publicado na 4.ª pagina, intitulava-se
Casamento, em harmonia com o tom larguez da sua
reducção:

« Cavalheiro viuvo, de 45 annos, saudavel, inde-
pendente, muito serio, bom chefe de familia, com
fortuna regular, deseja senhora sã, leira ou viuva, que
esteja em eguaes circumstancias. »

Em qualquer dos casos — duas pechinchas: um
cavalheiro de 34 annos, bom posto, sadio, de
fallas doces, com miolera e alguma baga; outro
cavalheiro, de 40 annos, em segundã mã, mas são
como um peço, sem ligação, sensível, já com tino
de chefe de familia e possuidor de massa regular.

Ao parece impassivel que neste paiz onde a
fama de maridos é a principal preocupação de
todas as mulheres, surta um dia duas *offerlas* tão
vantajosas e tão espontaneas, sem que Mercurio ou
Cupido as tivesse farejado ainda!

Não chego a perceber como estes dois maridos
pechinchas escaparam até hoje a perspicacia namora-
dora das lindas meninas, mais ou menos agriafadas,
que todas os domingos põem o chapéo na cabeça e o
carmin na face e largam a correr para a Avenida á
peçura de um marido (tuberculoso ou sadio, rico ou
pobre, fino ou grosso, analfabeto ou illustrado).

Nesta atmosphera de amor, que por toda a parte
nos rodeia e que é tradicional no nosso paiz, não
parece menos incomprehensivel que dois cavalheiros,
um de 34 annos e outro de 40, deixassem até hoje de
converter-se em paliteiros de ternos olhares que os
atravessem de lado a lado, independentemente das
boas camilhões de bagalhoça e saude que os referidos
cavalheiros em si mesmo apregoam.

Os annuncios de casamento são vulgares nos jor-
naes do Estado Unidos do Norte, onde tudo é negocio
incluindo o casamento. Ahí, a mercaderia pode servir
ou não, e, portanto, a transacção convir ou deixar
de convir.

Mas, em Portugal, paiz de gente nam rada, é o
amor que prevalece ao casamento, e qualquer menina
da capital fecha os olhos para se entregar cegamente
nos braços de um salgado aspirante ou de um ama-
moese da Junta do Credito Publico.

Todos nós estamos habituados a contemplar a
penitencia de dois noivos que vão passando n'um esforço
de luxo para: elle de chapéo branco e vestidinho
em que a costuraria quasi não teve pauno para mangas;
elle de chapéo alto e sobrecasaca barata, talhada
com muito olho de economia.

Mas acabou-se; estas duas pessoas, que passam
encantadas na sua lua de mel, representam o penul-
timo capitulo de um romance de amor, que durou
dois annos de garçagem e constipações.

O ultimo capitulo tardará apenas alguns mezes: é
o nêné que ha de vir da França, para choramigar toda
a noite sem deixar dormir o pai e que ha de beber o
leite da mãe deixando a mãe e a mãe do que não fuso.

Mas acabou-se foi o amor que unio essas duas
creaturas; fô a paixão que as aproximou, e o dia
d'uma lã seia o que Deus quizer. Amen.

Em geral, os casamentos portuguezes, tendo por
base o amor, são feitos em precarias circumstancias.
E como se a este costume da terra, chega a gente a
de confiar da veracidade dos annuncios que promettem
maridos excellentes, com pauno exaem que a noiva
tenha alguma coisa de seu — além do palmo da cara.

Eu então desconfio mais do que nunca, por uma
razão que se affirma — uns annuncios pessal, que
trahem de casamento, mas que não unio como
alora.

Seguindo o modo de ver, o incluire marido...
peior.

O outro lembra de marido temido ensinava que
o noivo que chega ao altar com um castrozinho de
extravagancia venha se a um modo delitoso, pacato
e modesto, transigente com a mulher e a segra —
o que constitue um verdadeiro cumulo de bondade
conjugal.

O moivo que se meculca impecavel, malmente vaccinado, com horror instinctivo ao vicio, desata a faer asneiras pela vida lora, como um fedelho que sahisse do collegio para ir passar as ferias n'um lar domestico.

Nem as criadas lhe escapam.

Tavia ahi para os lados do Rato um marido-chromotto, de h-ras certas e habitos certissimos, que na chegou a annunciar-se como pechincha, porque n'esse temp- não se tinha implantado ainda entre nós os annuncios de casamento.

Mas fuido como um achado, que desabou do ceu aos trambulões. Vinte familias o invejaram e outras tantas mentiras mordelam de raiua o ludo beicinho, quando elle escolheu outra que não era mais rica nem mais gentil do que ellas.

Dando o primeiro dia começou a ter uma vida methodica e regular. Sahia do seu emprego na Baixa ás tres horas da tarde. Como n'esse tempo não havia ascensores e americanos, gastava uma hora de caminho; as quatro em ponto entrava em casa, sorridente, amavel e não tornava a sahir senão no dia seguinte, para recommear a vida da vespera.

A sua «querida mulhersinha» estava segura da boa fé d'aquelle dedicado monstro de fidelidade conjugal.

A sogra olhava para o relógio ás quatro horas da tarde e dizia para a criadilla, como a queixar-se de que o marido ainda tardaria muito:

— A esta hora já o meu genro está em casa. Assim fossem todos!

O que não a impedia de baplicar á vezes com elle, extranhando lhe que sendo vigoroso, gastasse uma hora desde a Baixa até a Rato.

N'aquelle doce paz conjugal, que esse bom marido mantinha inalteravelmente, foram passando os annos: vieram trez filhas, que chegaram a idade de se aturar de cabeça á procura de noivo.

A mãe dizia lhe ás vezes:

— Como vesso pai, não ha outro; escusais de pensar n'isso.

Ora ellas não eram precisamente da mesma opinião, porque a regularidade dos habitos paternos as incommodava muito.

Era antes de jantar, enquanto o pai estava ausente, qua os seus namorados passavam e que ellas tinham occasião de vel-os.

Mas succedia de tempos a tempos que algum dos namorados se atrazava e passava cinco minutos depois das quatro horas.

Já as janellas estavam fechadas, porque o papá havia entrado as quatro horas em ponto.

O papá não se atrazava nunca.

E logo depois do jantar era elle que vinha para a janella, de barrete na cabeça, charuto na bocca, n'uma innocencia de costumes verdadeiramente patriarcal, gosar as doçuras ao matrimonio sem mancha.

Nem certo dia o «bom marido» a cada chegou mais cedo do que o costume vinha de trem, com uma gestão de dois das quatro da tarde.

Dias depois, a viuva diz ás pessoas que lhe fiam os pesames:

— Tenho em que viver, é certo, mas perdi o hor marido que se podia imaginar.

Mais alguns dias depois foi procurada por uma ra vestida de luto, que lhe apresentou duas noças, tambem vestidas de preto.

— Minha senhora, disse lhe essa mysteriosa dama amor d'estas creanças vejo-me forçada a confessar a minha culpa. V Ex, em meos do fortuna, e estas creanças, que são filhas de seu marido, como as feições testemunham, não tem que temer. Venho pedir lhe para ellas a possível protecção.

— Tinha do meu marido! exclamou, supprehe-dida, a viuva. A que hora?

E a outra, com um suspiro profundo;

— Antes das quatro, minha senh ra.

— Ora esta! So sendo assim!... E logo duas creanças!

E a outra temendo pé na desventura:

— Fellemente que não foram mais... por falta de tempo.

Tal era esse impecavel marido, que fazia sentinella no seu lar conjugal, inalteravelmente, desde as quatro horas da tarde até as nove horas do dia seguinte.

Eu não quero prejudicar os interesses dos jornos e annuncios afastando lhes annunciantes, nem tão pouco lançar suspeitas sobre os dois cavalheiros que se annunciam a «o réis a linha como sendo a nata dos maridos pechinchas.

Mas, francamente, fico de pé atraz com elles, porque, sedados, enluheirados, activos, sadios e intelligentes, me parecem... bom de mais.

Preferiria que tivessem algum defeito... para serem perfectos.

(de Lisboa).

ALBERTO PIMENTEL.

O BEIJO

O beijo depende da bocca que o dá e da pessoa que o recebe. E d'aqui nasce immediatamente uma divisão em beijos limpos e beijos sujos, conforme o estado de asseio ou de porcaria em que se encontra a bocca.

Entre estes dois grandes grupos de beijos ha intermeditarios que estabelecem a passagem de um a outro, e como termo medio vem a achar-se um beijo que sae de uma bocca modesta em limpeza, isto é, medianamente suja, tendo se dentes livdades uma vez por dia e palitões depois das refeições. Este beijo é o mais vulgar, sabe a tabaco, traz um vaporsinho de vinho e um aroma de fructas, comidas á sobremesa.

É um beijo-familia, dado no fim do jantar, aos parentes e pessoas de amizade. D'antes foi moda lavar-se a bocca quando se acabava de comer; mas depois, outra moda destronou esta e o beijo familiar, de limpinho que era, tornou-se algo sujo. O remedio está na mão de todos: lavar primeiro, dar o beijo depois.

A bocca mais limpinha que se conhece é, sem duvida, a boquinha de um bebé de mamãe. Rosada, enrubescida, cheirando a leite, faz desejos de beijal-a e muita gente ignorando o mal que d'ahi pode vir, fada no ríbio «o meu filhinho beija minha bocca adocada», vae deixando beijar os filhos, com a intima satisfação de os ver adorados.

Nada mais facil do que a transmissão de doenças graves mas por um d'esses beijos. Deve banir-se absolutamente esse pessimo costume das praticas sociaes. Em França, é defeito vulgar a creança que se e contra a passeiar nas ruas, mas na nossa terra acha-se encantador o beijo dado em creanças que nem se conhecem.

É por demais conhecida a fórmula do—ai! que lindo menino!—, e zaz beijninho!... E logo a mamãe do pequirucho:— anda, bebé, dá um beijo a essa senhora com a tua boquinha!— e bebe lá da um beijo. As damas cumprimentam-se e cada uma vae para seu lado, sem mais desculpas, nem reparos.

Se soubessem o veneno que pode ir nesse beijo, nem o davam, nem o deixavam dar.

Este mal que pode vir do beijo applica-se a todas as creaturas grandes e pequenas; principalmente quando é recebido na bocca. E não me parece preciso estar aqui a desenrolar o mecanismo da transmissão de doenças pelo beijo.

Basta que fiquem sabendo o facto e que procurem evital-o, recebendo o menor numero de beijos possível. A vontade só deverão beijar-se creaturas que tenham uma cuidadosa hygiene buccal e não sejam de doenças contagiosas. Assim, da hygiene da bocca, do seu perfeito estado de saude e de limpeza, nascem a hygiene do beijo. E esse beijo limpo, jetumado, são, ha de conter todas as delicias d'aquelle que Roustand define no «Cyrano»:

C'est peut-etre qu'en met sur la du verbe aimer.



É curioso de ver, entre damas que se encontram o modo em se beijam e é bom de ouvir o que dizem umas das outras, quando se afastam. Grande effusão, alegria enorme, beijos dados a um e outro lado por causa das abas dos chapéus e depois, começa a trovoada. Tratam-se de tolas para cima, desatam-se escandalos, controlam-se vidas e quem as visse aos beijos nem por sombra as acreditaria. E o terrivel leno de Judas que não acaba. Ah! essas bocças são tanto para evitar como as outras portadoras de enfermidades. Fazem bem as damas em usar véo; a balia chega menos a pelle. Pela bocca ainda se conhece neste caso a sinceridade ou a mentira do beijo. Esboçemos umas creaturinhas.

Mulher alta, anemica, preciosa, magra mortalhada em velludos caros, chapéu modelo véo branco escendendo o cabelo rinvio: fugir della a sete pés! A bocca e confrangida, apertada faz mal aos nervos, a bocca chamada «em b'ção de rosa». O beijo d'essa bocca é aspero como lixa e frio como gello. Dado, o beijo vem praga...

Outra. Ares de grande dama, andar quebrado, linha decorativa, gestos á Duse: bocca apressa, quero e mando, beijos delgados e sem cor, torcida um pouco, mordaz e cruel. O beijo é por favor, desde-nhoso, pe... rabeca.

Agora, a bocca de riso amarello, nem doce nem salgado. Indifferente a todos e a tudo. Beija nem bem nem mal; acha aborrecido, eucolhe os hombros. É beijo de memna apaixonada, quer entrar n'um convento.

Outra menina. Quinze annos, educada em provincia; ingenua, virginal nos olhos, uma grande alegria, é uma grande paz; bocca simples, vulgar, bonita; beijo sinuero. Depois do beijo não diz mal, fica admirada de ouvir dizer.

Uma bocca original.—H, vive alegre, é vermelha sem pinturas e cheia de humorismo sem crueldades. É a bocca de ironia, a bocca trocista. O beijo é dado com vigor e estala na face. Se diz alguma coisa é frente a frente.

Beijos levadinhos da bréca, são os das bocças sensuaes. Bocças que imitam letras do alphabeto. Aparecem em desenlus de Léandre e de Metvet, com as formas de um O e ás vezes de um V invertido. É a bocca fim de seculo, fina, degenerada e má; o beijo é terrivel, deixa manchas de vermelhão, e como a lingua é muito depravada a critica e depravadissima. São beijos para dias de peccado.

Outro beijo que se deve evitar é o da bocca feia; poncos dentes, encarquilhada, vestigia de buço... Horror! Nem é preciso saber o que dirá.

Mas ha um beijo cheio de pureza e de frescura, é o da reconciliação. Entre noivos, houve um pequenino nada que chegou a parecer uma nuvem negra. A noiva fez beicinho, ficou-se para um canto amuada, a chorar. Elle então, veiu pé ante pé, sentou-se junto d'ella, pediu-lhe perdão, beijou-lhe as mãos, a testa, os olhos e per fim, as bocças uniram-se num hado beijo de amor. E tudo voltou á paz dos antigos idyllios, e uma nova felicidade começou a florescer em beijos. Esse é o unico beijo luminoso que existe sobre a terra. Felizes dos que o encontram e o transformam num bello filho cheio de bondade e de saule.



Ao lado de muita bocca que não merece dar beijos, ha muita cara que os não deve receber, e em resumo, pode-se applicar ás caras tudo quanto deixei dito para as bocças. Mas o caso aqui complica-se; ha gente que não se limita a beijar caras. Ha quem beije reliquias, santos, pedras d'altar, em logeres onde todo o fiel cidadaão põe os beijos. São costumes trazidos do oriente onde se beijavam as divindades, costumes que os imperadores romanos tomaram para seu uso e que mais tarde os Papas adoptaram. Hoje ainda quem é admittido a presença de Sua Santidade, beija-lhe os pés, á entrada e á saída. Ora, esta fórmula pode ser perigosa, porque, — cá temos a eterna historia do contagio, — pelas sandalias do Papa podem transmittir-se de doenças graves. E entrando mais pelos usos da minha terra, vejo em Lisboa beijar-se o pe do Senhor des Passos que, apesar de toda a santificação que tem — é de temer sob o meu ponto de vista. Imaginem, (olhem que já tem succedido), um devoto, com uma doença que traga manifestações á bocca e por cumprir alguma promessa vae á Graça e beija o pé ao Senhor dos Passos. No beijo foi um pouco de saliva contaminada, e logo a traz, uma senhora bejou o pé no mesmo sitio. Tinha uma feidasinha num beijo, os labios um pouco gretados e a coisa peg u... Que fará o marido lá pobre senhora quando o medico lhe disser o que ella tem, e que difficuldades para a etiologia do caso! Ora casos d'estes têm ja acotlecido em pés de Senhores e em cabeças e mãos de muitos santos e santas de devoção. Todo o cuidado é pouco e não é por beijar ou não beijar um santo que a oração perde o seu valor. E se isto não é assim, empurrem as penas do inferno para cima de tão mau conselheiro...

MANOEL PENTEADO.

MOLDES



Temos a satisfação de communicar ás nossas gentis assignantes e leit ras que, apesar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d'A Estação, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica. Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse serviço, confiando o sempre a pericia de verdadeiras artistas em materia de cortes.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais habilitadas mestras no assumpto, no qual não temem confiamos.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço da casa e com ufania podemos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a frequencia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos veulham dar lições de apuro e bom gosto, nem na indelicade de nossos preços.

Para o presente numero offerecemos:

Table with 2 columns: Item description and Price. N. 35 - Saia de noiva... 22500. N. 6 - Saia... 15500.

Os recados são recebidos no escriptorio desta folha, bem como, a importancia que deve acompanhar o pedido.

Pelo correto mais 300 para o primeiro e 200 reis para cada um dos que se seguirem.